



“TU SERÁS UMA BÊNÇÃO” A MARCA INDELÉVEL DA CRUZ QUE PERPASSA A BÊNÇÃO^{1*}

Heinzpeter Hempelmann^{2**}

I. A BUSCA PELA BÊNÇÃO: O ANELO POR UMA VIDA BEM-SUCEDIDA

“Deus te abençoe!” “Que Deus abençoe teu ministério!” “Muitas bênçãos neste Ano Novo!” “Muitas bênçãos de Deus para o teu novo ano de vida!” “Senhor, abençoe esta casa e a todos que nela entram e saem!” “Refeição abençoada!” “Senhor, abençoe-me, abençoe a ele, abençoe a nós!”

Em todo lugar ouvimos pessoas expressando desejos de bênçãos. Se, por um instante, pararmos para prestar atenção nas palavras que proferimos, iremos nos surpreender pela quantidade de vezes em que abençoamos ou invocamos a bênção de Deus. É de suma importância receber a bênção de Deus, ser abençoado por Deus. E não são poucas as pessoas que não se contentam apenas com a bênção que é proferida no final de um culto: elas procuram e visitam cultos especiais de bênçãos.

“Queira Deus, sejam pessoas abençoadas!” “Quem dera que nosso trabalho seja um trabalho abençoado!”. Com muita frequência ouvimos pessoas expressarem esse anseio. Afinal de contas, tudo depende da bênção de Deus. Por outro lado, quanto mais nós falamos

da bênção e quanto mais nós desejamos a bênção, tanto maior parece ser a

1 * Texto traduzido do alemão por Klaus Andreas Stange. Título original: Heinzpeter HEMPELMANN. „Du wirst ein Segen sein!“ *Von der Kreuzessignatur des Segens*, in: Theologische Beiträge 28 (1997), p. 129-141. © Theologischer Verlag Rolf Brockhaus.

2 ** Heinzpeter Hempelmann (Dr.) é professor de teologia e atuou até meados de 2005 como Diretor do Seminário Teológico da Missão Liebenzell (“*Theologisches Seminar der Liebenzeller Mission*”). É também um dos editores da revista teológica alemã “Theologische Beiträge” e autor de diversos artigos teológicos na área da missiologia e da apologetica.

nossa incapacidade de definir o que exatamente queremos expressar com a palavra “bênção”. De que forma a bênção deve se tornar evidente? O que concretamente esperamos quando pedimos pela bênção?

Uma primeira pista para nossas perguntas, nós deduzimos da observação de que o desejo, o anelo pela bênção não se limita ao contexto ou ao âmbito cristão. Em todas as religiões nós encontramos o anelo, o desejo pela bênção. E mesmo uma sociedade secularizada – como a sociedade ocidental – preserva fortes traços desse anelo profundo do ser humano. Quantas vezes nós desejamos “sorte”, “sucesso”, “tudo de bom”. Por um lado, esse linguajar é contraditório em nosso contexto, uma vez que acreditamos que cada um é responsável pela sua própria vida! Apesar de este ser o nosso discurso – como sociedade secularizada e descristianizada – ainda fazemos as nossas concessões. Por trás de todos os nossos anseios e desejos, que não se calam mesmo quando não cremos mais no Deus cristão, permanece o vaticínio, a suspeita e até a experiência: a vida reserva as suas surpresas! Nem tudo é previsível! Existe – como costumamos chamar – o destino! Por mais que tentemos, não conseguimos ter o controle de todas as situações da vida. Existe algo mais para que a vida tenha êxito, sucesso, para que sejamos bem-sucedidos e tenhamos felicidade.

Importante é o fato de que desejar a bênção ou desejar a felicidade (sorte) significa, no imaginário popular, (aproximadamente) a mesma coisa. É possível intercambiar as palavras. Mesmo os cristãos desejam uns aos outros “tudo de bom”, “esperamos que dê tudo certo”, “vai dar tudo certo!”.

II. A PROBLEMÁTICA EM TORNO DA BÊNÇÃO: QUANDO A VIDA NÃO TEM BOM ÊXITO

Quando nós cristãos desejamos a bênção de Deus, ou quando a proferimos sobre outras pessoas, inevitavelmente somos confrontados com pelo menos três questões que de certa forma nos deixam inseguros em relação ao tema “bênção” - palavra chave da fé cristã:

1. Por que, afinal de contas, precisamos orar pedindo pela bênção de Deus?

Afinal de contas, por que o cristão necessita da bênção? Nós não temos a Deus como nosso Pai e, assim, não temos tudo o que necessitamos? O cristão não é protegido de circunstâncias desfavoráveis, das incomensurabilidades da vida? Por que, então, nos desejamos “tudo de bom”, prosperidade, sucesso ou a bênção de Deus? O mesmo não seria

válido quando pedimos por um ministério abençoado ou por uma viagem abençoada (protegida)?

Percebemos que aqui é tocado em uma problemática que envolve toda a questão da intercessão. Por que pedir (inclusive pedir pela bênção de Deus), se Deus já conhece todas as coisas, antes mesmo de pronunciarmos nossas palavras e antes mesmo de articularmos nossos pensamentos? Por que pedir por uma bênção, se nós já nos encontramos sob a bênção de Deus?

Eu considero esse contraditório como um problema legítimo e pergunto, se neste contexto, não lidamos muitas vezes de forma irrefletida, portando-nos como os fariseus recriminados por Jesus pelas suas muitas repetições na oração (Mt 6.7)? Formulando a questão em termos teológicos: pedir por algo, inclusive pedir pela bênção indica uma diferença entre o que *deve ser* e o que *de fato é*. Em outras palavras, quando pedimos por algo, admitimos que algo nos falta. Mas, na realidade, as nossas mais profundas convicções de fé nos asseguram que este *algo* não nos falta. Por isso perguntamos: qual o sentido de pedirmos e desejarmos a bênção?

2. Por que, aparentemente, a vida de muitos cristãos parece não ser abençoada?

Nossa segunda dificuldade tem peso ainda maior do que a primeira, destacada acima. Quantas vezes o sistemático desejo pela bênção não se realiza na vida de muitos cristãos. O desejo pela bênção se expressa no desejo por felicidade, saúde, sucesso, no desejo por *frutos visíveis*, na proteção, na ajuda em momentos de crise. No entanto, o que vemos e encontramos na vida real de muitos cristãos que pedem pela bênção de Deus? Parece que tantas coisas que fazemos é estigmatizado pelo provisório, lacunário!

- Por que cristãos sofrem? E muitas vezes sofrem de forma brutal – fisicamente, emocionalmente e, o que muitas vezes é ainda pior: espiritualmente são acometidos por toda sorte de provações e tentações, apesar de terem por Pai, aquele que é o amor em pessoa?

- Por que muitos cristãos só experimentam a cura da alma, mas não a cura do corpo?

- Por que os cristãos também morrem, uma vez que eles pertencem Àquele que venceu a morte, tirou o poder da morte? Ou, se quisermos perguntar de forma bem concreta: por que também cristãos morrem em viagens, em acidentes automobilísticos, mesmo depois de oramos pedindo pela bênção de Deus e por proteção na viagem? Onde ficou a *bênção* de Deus? Por que em um caso ou em uma situação Ele protegeu e em outra não? Por que um avião aterrissou seguro, mas aquele outro automóvel se acidentou – justamente este que transportava aquele homem de Deus tão

abençoado?

- Por que nós cristãos não somos capazes de moldar a nossa própria vida, uma vez que conhecemos o doador de toda a vida como nosso Senhor? Nossa vida não deveria ser próspera, bem-sucedida, em todos os sentidos? Não deveriam se mostrar os nossos relacionamentos como relacionamentos saudáveis, sem rupturas; a educação de nossos filhos deveria culminar em bem instruídos cristãos; pelo menos nós – pelo menos nós – deveríamos ter suficientes forças, energia e tempo para dar conta de todos os afazeres?

Bênção de Deus, abençoado por Deus! Onde se encontra a bênção de Deus em meio a tantos relacionamentos quebrados? Onde percebemos a bênção de Deus em meio a tanto cansaço, tanto fracasso, tanta privação e sofrimento? A vida de gente abençoada não deveria ser bem diferente? Às perguntas existenciais, ainda devemos acrescentar as perguntas feitas pelos sociólogos, psicólogos e psiquiatras: “Onde está apertando?”. Em algum lugar deve haver algum embaraço se a bênção não flui. Em seguida somos ainda mais sobrecarregados com suas deduções e conclusões – conclusões que não ousamos questionar: “- alguma coisa você está fazendo errado, se a tua vida cristã está desse jeito!”, “- tudo pode ou poderia ser diferente, bem diferente, se você somente...” - nesse caso, seguem as bem-intencionadas receitas, mas que, na maioria das vezes, não ajudam em nada!

Concluo, passando para a terceira questão que nos aflige ao refletirmos sobre o tema *bênção*.

3. Afinal de contas, nós podemos ser realmente abençoados e também sermos uma bênção para outros?

Seria possível que as perguntas críticas que fizemos acima nos incomodam, nos inquietam, nos deixam inseguros, porque sabemos que *de fato algo não está em ordem na nossa vida?* De fato, há coisas que não estão bem! Na minha vida, há pecado, sempre de novo eu ajo contra a vontade de Deus! Será que – face aos meus pecados, Deus ainda poderia me abençoar? Eu ainda poderia ser uma bênção para outras pessoas, a despeito de toda a minha situação? Afinal de contas, como é possível que ainda haja bênção em nosso mundo caído? Existe, por acaso, uma pessoa que não peque (1Rs 8.46)? Onde está a bênção? Afinal, o que é bênção? O que significa ter uma vida abençoada? E como acontece que outras pessoas são abençoadas através de minha vida? Como eu posso tornar-me uma bênção para outros? Essas são perguntas que mexem com a essência da nossa fé, do nosso ministério. Num primeiro momento, queremos olhar para o Antigo Testamento e, a seguir, para o Novo Testamento e procurar por algumas respostas aos questionamentos.

III. O ANTIGO TESTAMENTO: A UBIQUIDADE DA BÊNÇÃO

1. A bênção como “fenômeno cotidiano”

A bênção de Deus no Antigo Testamento, no bom sentido da palavra, é um “fenômeno cotidiano”. A bênção de Deus engloba e permeia todas as dimensões da existência humana. Encontramos uma das passagens bíblicas mais significativas do Antigo Testamento em Deuteronômio 7.12-16 “*Se vocês obedecerem a essas ordenanças, as guardarem e as cumprirem, então o SENHOR, o seu Deus, manterá com vocês a aliança e a bondade que prometeu sob juramento aos seus antepassados. Ele os amará, os abençoará e fará com que vocês se multipliquem. Ele abençoará os seus filhos e os frutos da sua terra: o cereal, o vinho novo e o azeite, as crias das vacas e das ovelhas, na terra que aos seus antepassados jurou dar a vocês. Vocês serão mais abençoados do que qualquer outro povo! Nenhum dos seus homens ou mulheres será estéril, nem mesmo os animais do seu rebanho. O SENHOR os guardará de todas as doenças. Não infligirá a vocês as doenças terríveis que, como sabem, atingiram o Egito, mas as infligirá a todos os seus inimigos. Vocês destruirão todos os povos que o SENHOR, o seu Deus, lhes entregar. Não olhem com piedade para eles, nem sirvam aos seus deuses, pois isso lhes seria uma armadilha*”.

Ao lado da dimensão natural, o texto de Deuteronômio 28.8 inclui a bênção ao ambiente do trabalho: “*O SENHOR enviará bênçãos aos seus celeiros e a tudo o que as suas mãos fizerem. O SENHOR, o seu Deus, os abençoará na terra que lhes dá*”.

Provérbios 10.22 potencializa a bênção de Deus no ambiente de trabalho e com todas as letras relaciona a riqueza como conseqüência da bênção de Deus. *A bênção do SENHOR traz riqueza, e não inclui dor alguma.* Além da dimensão natural e do trabalho, o AT também fala da bênção na dimensão social: “*Ao final de cada três anos, tragam todos os dízimos da colheita do terceiro ano, armazenando-os em sua própria cidade, para que os levitas, que não possuem propriedade nem herança, e os estrangeiros, os órfãos e as viúvas que vivem na sua cidade venham comer e saciar-se, e para que o SENHOR, o seu Deus, os abençoe em todo o trabalho das suas mãos*” (Dt 14.28-29). Ficamos estupefatos ao percebermos como o AT fala de forma direta a respeito da manifestação visível, perceptível e experiencial da bênção de Deus.

2. Bênção como resultado de uma relação intacta com Deus

Será que poderia ser diferente? Se Deus deseja relacionar-se com o ser humano, se ele deseja estar presente na vida do ser humano, se ele,

como criador e doador de todas as coisas está presente, como não deveria a sua presença traduzir-se na forma de bênção? Afinal de contas, da presença de Deus é que tudo depende. Sem ela, não há esperança. A vida do ser humano, enquanto indivíduo, e também a existência de todo o povo de Deus dependem de estes andarem em caminhos de bênção, deixarem-se orientar pelo Senhor e agir segundo as suas ordenanças. Através de sua aliança no Sinai, Deus insere o povo de Israel no âmbito da salvação (*Heil*). Deus oferece ao seu povo o *Shalom*, a possibilidade de uma existência intacta, holística e plena. Não é por acaso que o grandioso texto de bênção de Deuteronomio 7 encontra-se impreterivelmente ligado à dádiva do Decálogo. Os assim chamados 10 mandamentos não são outra coisa senão orientações para uma vida com esse Deus e, portanto, orientações para a vida. Os 10 mandamentos não são outra coisa senão uma descrição do que é viver no *Shalom* de Deus. O *Shalom* experimenta aquele que vive como Deus o deseja. Nem poderia ser diferente. Aquele que transgride as orientações de Deus, quem se desvia desse caminho de Deus, esse abandona a bênção, coloca-se para fora do âmbito do *Shalom* e não pode mais viver em comunhão com o doador da bênção. O dano (*Unheil*) é a consequência de sua decisão. Portanto, é na obediência à concreta, revelada e salvadora vontade de Deus que se decide entre bênção ou maldição. Muitas outras passagens bíblicas, não mencionadas aqui, sublinham essa tese. A bênção não é uma força da natureza imprevisível, não é uma casualidade. A bênção é a consequência lógica de um relacionamento intacto com Deus. Onde pessoas em seu convívio social observam as orientações de Deus, elas experimentarão: “o SENHOR, o seu Deus, os abençoe em todo o trabalho de suas mãos” (Dt 14.29). Pois, “As bênçãos coroam a cabeça dos justos, mas a boca dos ímpios abriga violência”. Aqui encontramos a essência da sabedoria vétero-testamentária: a dependência de Deus, o ouvir de sua voz e o andar segundo os seus preceitos preserva a vida, desemboca em bênção: “Consagre ao SENHOR tudo o que você faz, e os seus planos serão bem-sucedidos” (Pv 16.3). Isso é bênção!

Na revelação da vontade de Deus, na realidade manifesta de Deus se origina a bênção ou a maldição: “Prestem atenção! Hoje estou pondo diante de vocês a bênção e a maldição. Vocês terão bênção, se obedecerem aos mandamentos do SENHOR, o seu Deus, que hoje lhes estou dando; mas terão maldição, se desobedecerem aos mandamentos do SENHOR, o seu Deus, e se afastarem do caminho que hoje lhes ordeno, para seguir deuses desconhecidos” (Dt 11.26ss). Moisés o diz de forma enfática: “Se vocês obedecerem fielmente ao Senhor, o seu Deus, e seguirem cuidadosamente todos os seus mandamentos que hoje lhes dou, o SENHOR, o seu Deus, os colocará muito acima de todas as nações da terra. Todas estas bênçãos

virão sobre vocês e os acompanharão, se vocês obedecerem ao SENHOR, o seu Deus” (Dt 28 1-2). A bênção advém do fato de o povo viver diante de Deus e com Deus. Nem poderia ser diferente senão viver sob a bênção de Deus!

O contrário também é válido, e expresso com a mesma severidade: *“Entretanto, se vocês não obedecerem ao SENHOR, o seu Deus, e não seguirem cuidadosamente todos os seus mandamentos e decretos que hoje lhes dou, todas estas maldições cairão sobre vocês e os atingirão: Vocês serão amaldiçoados na cidade e serão amaldiçoados no campo. Os filhos de seu ventre serão amaldiçoados, como também as colheitas de sua terra, e os bezerra e os cordeiros dos seus rebanhos. Vocês serão amaldiçoados em tudo o que fizerem”* (Dt 28.15-19). Segundo a sabedoria e a lógica da vida, não poderia ser diferente!

3. Bênção como resultado da ação de Deus na história

Fica evidente que a fé bíblica em Deus não se resume, em primeiro lugar, a um culto da fertilidade; a fé cristã também não é uma religião para uma vida próspera. Notamos que a bênção se encontra ao lado da maldição. E no centro de tudo se encontra a revelação de Deus que convida e coloca o ser humano em uma relação de comunhão com ele. A bênção que resulta da comunhão, da aliança de Deus com seu povo é conseqüência de uma dimensão espiritual da revelação de Deus. A bênção não é outra coisa senão a continuidade do ato salvífico de Deus iniciado por ocasião da libertação do povo de Israel da escravidão no Egito. O povo, que no êxodo foi salvo, esse povo é sustentado e guardado adiante. A bênção de Deus é apenas uma parte da *história da salvação* de Deus. Com sua *história da salvação*, Deus dá continuidade às suas promessas de bênção feitas a Adão e Noé, mas também especialmente a Abraão e aos patriarcas, nos quais se expressa concretamente a história de Deus com seu povo.

A bênção, portanto, não é apenas um fenômeno individual ou coletivo que envolve a existência humana; bênção também não é apenas um fenômeno teológico cujo centro é a relação individual ou coletiva do ser humano com Deus. Bênção também é um fenômeno universal, histórico, que visa continuidade. *Então o Senhor disse a Abraão: “Saia da sua terra, do meio dos seus parentes e da casa de seu pai, e vá para a terra que eu lhe mostrarei. Farei de você um grande povo, e o abençoarei. Tornarei famoso o seu nome, e você será uma bênção. Abençoarei os que o abençoarem e amaldiçoarei os que o amaldiçoarem; e por meio de você todos os povos da terra serão abençoados”* (Gn 12.1-3). É nessa perspectiva global, que inclui todos os povos, que a bênção alcança seu objetivo maior. Da descendência de Abraão surge o *servo do Senhor*, luz para os gentios, o

Messias, aquele que traz a salvação, que a todos quantos crêem – como Abraão creu – promete a filiação à família de Abraão (cf. Gl 3.8, Rm 4.11-12, 16), incluindo-os na bênção de Deus, na história abençoada de Deus com a humanidade.

A bênção de Deus é fenômeno do cotidiano, é fenômeno relacional ou existencial. Mas a bênção de Deus possui também uma qualidade histórica, concretamente é dada adiante ao longo da história; do pai para o filho (cf. Gn 25.11, 27.18, 28.4), de uma geração para a outra geração, através de um povo para todos os outros povos, através do novo Adão para a velha humanidade adâmica. Dessa forma – e não de um outro jeito qualquer – de forma concreta, histórica, Deus age em favor da humanidade, abençoando, salvando e consumando sua obra.

IV. DA CRISE DA BÊNÇÃO PARA A BÊNÇÃO DA CRISE

Ao falarmos da bênção na Bíblia, não podemos parar no Antigo Testamento. Precisamos olhar como o Novo Testamento aborda o tema. A razão para isso reside no fato de que a aliança de Deus com a humanidade, feita no AT, não se sustentou. Ao lado da antiga aliança se fez necessária uma nova aliança, pois a bênção de Deus prevista no AT entrou em profunda crise. O que havia sido planejado para ser bênção, transformou-se em maldição, pois o ser humano não permanece sob o *Shalom* de Deus, o ser humano pecador não suporta a presença de um Deus santo, o ser humano que não deseja outra coisa senão a bênção de Deus, constantemente foge de Deus, o criador da vida e doador de todas as bênçãos. A essa incompreensível postura do ser humano, a Bíblia chama de *pecado*. O reconhecimento do pecado, desse estado de rebeldia da parte do ser humano em relação ao seu criador e doador de todas as bênçãos é ainda mais aprofundado no NT. O profundo abismo que separa o ser humano de Deus encontra seu ápice na cruz de Cristo. A cruz de Jesus Cristo atesta, expressa a realidade do fato de que a inclinação da natureza humana é para a inimizade com Deus (Rm 8.7). A cruz é a mais precisa expressão – impossível de ser excedida – que a criatura vive em rebelião, insurreição ao seu Criador. O ser humano que necessita da bênção para poder viver, na realidade, de forma incompreensível, foge da presença de Deus.

Aquele que não deseja apenas um palavreado superficial sobre o tema “bênção”, sobre uma vida bem-sucedida e feliz, este necessita deixar-se ensinar pela Bíblia, que nos mostra que a bênção só pode ser compreendida acuradamente se mantivermos unido o espectro de bênção e maldição. A pergunta por como obter uma vida bem-sucedida, integral e

saudável não pode ignorar a realidade do poder que o pecado tem sobre a vida do ser humano, poder que subjuga toda a criação.

1. A crise da bênção

O AT também conhece algo da “crise da bênção”. Especialmente se analisarmos os livros de escrita tardia, percebe-se uma profunda inquietação a despeito da *crise da bênção*, que não é outra crise senão uma crise da existência, uma crise pelas possibilidades e limites da vida, crise da própria vida. Como o ser humano ainda pode viver, se ele não tem mais a certeza e a garantia da bênção?

1.1. A “bênção” da ação má e a “maldição” da ação boa

Certamente não podemos compreender as palavras do profeta Jeremias apenas como a expressão de uma depressão passageira, quando ele diz: “... *por que o caminho dos ímpios prospera? Por que todos os traidores vivem sem problemas?*” (Jr 12.1). Jeremias pretende inclusive discutir com Deus a respeito da justiça divina. Num primeiro momento, as palavras de Jeremias podem soar de forma presunçosa, podemos tratá-las com menosprezo, mas, na verdade, são expressão da mais profunda honra e estima de Deus e de sua justiça. Se Deus é justo, se as suas ordenanças governam o mundo, então a consequência lógica desse fato deveria ser que uma vida vivida segundo seus preceitos redundasse em bênção e, o contrário, uma vida vivida contra a sua vontade deveria redundar em maldição. Mas, não é verdade que a experiência nos ensina abundantemente, e de forma dolorosa, justamente o contrário? Se Deus é o Senhor deste mundo, se ele é um Deus justo, por que, então, fazer o mal compensa? O texto mais eloqüente que expressa esse lamento que leva a justiça de Deus a sério, encontramos no AT, no Salmo 73: “*Tive inveja dos arrogantes quando vi a prosperidade desses ímpios. Eles não passam por sofrimento e têm o corpo saudável e forte. Estão livres dos fardos de todos; não são atingidos por doenças como os outros homens. Do seu íntimo brota a maldade, da sua mente transbordam maquinações... Assim são os ímpios; sempre despreocupados, aumentam suas riquezas*” (Sl 73.1-7, 12). Também encontramos nesse Salmo a consequência lógica para o crente confrontado com a tentação: “*Certamente foi-me inútil manter puro o coração e lavar as mãos na inocência*” (Sl 73.13).

Essa descrição do salmista a respeito da bênção não é muito mais realista do que a descrição paradisíaca do deuteronomista, quando ele fala da bênção que está sobre os que vivem de acordo com a vontade de Deus? As experiências da vida nos conduzem para dentro de um ambiente de provação e tentação, a despeito da justiça de Deus. Não seria exatamente

essa experiência um dos principais motivos pelos quais (na prática) tanta gente vive alheia a Deus? Não seria esse o motivo principal pelo qual tanta gente (inclusive cristãos) vive sem o temor a Deus? A linha de raciocínio que se estrutura de forma lógica no esquema relacional de “fazer” e “experimentar”, ou seja, quem faz o bem recebe o bem, quem faz o mal, recebe o mal; essa linha de raciocínio não se sustenta. Temos que concluir: bênção não é, necessariamente, a consequência de uma vida vivida com Deus; a maldição não é infligida automaticamente – ou pelo menos não imediatamente – sobre aquele que vive sem Deus ou até contra Deus.

A pergunta que se levanta é: como poderemos viver se por um lado temos clareza do que é certo e do que é errado “*Ele mostrou a você, ó homem, o que é bom e o que o SENHOR exige*” (Mq 6.8), mas, por outro lado, o bem não conduz ao bem, mas ao mal, a situações desvantajosas, ao sofrimento? E o mal conduz ao bem, ao sucesso, ao poder? Não experimentamos a inversão de todos os valores?

1.2. Não há nenhum justo, nem um sequer

Se abordamos a crise da bênção, então se faz necessário conduzirmos nossa reflexão um passo adiante. A questão que o salmista expressa, perguntando pela justiça de Deus é, de certa forma, a pergunta pela sua própria justiça, a justiça do justo. É exatamente essa certeza, a certeza de poder subsistir na presença de Deus que se rompe, se quebra, quando o ser humano se avalia de forma autocrítica. Não há como subsistir diante de um Deus santo, não há como corresponder na própria vida aos critérios de justiça de Deus: essa é a denúncia que os profetas proferem e os salmistas lamentam a respeito do ser humano e do povo de Deus. Todas as tentativas de Deus de vir ao encontro do homem, todos os seus chamados à conversão, todas as suas provas de graça batem no vazio, finalmente se mostram como tentativas frustradas. “*Não há nenhum justo, nem um sequer*” (Rm 3.10). Essa realidade já era conhecida pelo AT, citado por Paulo: “*Como o homem pode ser puro? Como pode ser justo quem nasce de mulher?*” (Jó 15.14). Diante de Deus não há ninguém que seja justo. Por isso o salmista ora, pedindo que Deus desvie a consequência lógica dessa relação entre Deus e o ser humano. O salmista ora, dizendo: “*Não leves teu servo a julgamento, pois ninguém é justo diante de ti*” (Sl 143.2). Mas, como poderia um Deus justo agir diferente em sua justiça, senão fazendo justiça? E, se olharmos para a história de Deus com o seu povo eleito, como a história onde Deus faz justiça, então temos no final – provisório – dessa história a exata e inalienável consequência lógica: a perda de todos os elementos que faziam a diferença para Israel enquanto povo da aliança: perderam a terra, que havia sido prometida e concedida por Deus, perderam o rei davídico, que

havia sido prometido e concedido por Deus, perderam a presença de Deus no templo de Sião, prometido e que havia sido concedido. No final da história, encontramos a perda completa da bênção de Deus.

2. A bênção na crise

Exatamente essa crise da bênção ou, dito em outras palavras, a bênção que cessa e a maldição que toma seu lugar como consequência lógica do mal praticado é sinal, expressão da justiça de Deus. Na perspectiva da justiça de Deus, a história da bênção de Deus poderia ter encontrado aqui o seu desfecho. Por isso, é uma verdadeira “bênção”, que nem sequer temos condições de corretamente mensurar, se o Deus do amor e da misericórdia transforma uma história de maldição em uma história de bênção para todo ser humano e para toda a criação.

V. O NOVO TESTAMENTO: A BÊNÇÃO DO CRISTO

1. Jesus Cristo se torna em bênção na medida em que ele toma parte de nossa história de maldição

Quando há algum tempo eu me detive a ler e estudar os primeiros capítulos da Bíblia com uma pessoa ainda neófito, esta se mostrou assustada, até escandalizada quando, em conjunto, estudamos a história dos patriarcas, a história de Abraão, Isaque e Jacó.

“Abraão, esse covarde que não deixou apenas uma vez a sua mulher na mão, que tentou com as próprias mãos ‘colaborar’ com a bênção de Deus e que com sua atitude trouxe grande sofrimento para outras pessoas; Isaque, que não soube se portar de forma adequada em relação aos seus filhos, produzindo ele próprio muito sofrimento no seio familiar; Jacó, esse mentiroso e enganador, que não foi capaz de aprender com a própria história e dor, que favoreceu um dos filhos em detrimento de outro e finalmente se tornou vítima de sua própria armadilha, sendo enganado com mentiras e artimanhas: *esta deve ser a corrente de bênção de Deus?*”

A resposta à pergunta deve ser “sim”. Exatamente através de pessoas assim, como nós o somos, Deus age em sua imensa e incompreensível graça. Exatamente através de erros e embaraços, a despeito de culpa e fracassos humanos, Deus procura alcançar seus intentos de bênção. Nós não podemos impedi-lo. Essa certeza nós temos desde a encarnação de Jesus Cristo, que culmina a história de Israel transformando maldição em bênção.

Para mim, o texto com a genealogia de Jesus, que encontramos em Mateus 1.1-17, representa um dos mais importantes textos das Escrituras. Uma leitura superficial dos nomes arrolados na genealogia pode produzir

sono e tédio, mas, na realidade, trata-se de um texto de imensa riqueza teológica. O que encontramos na genealogia de Jesus? Jesus Cristo é colocado para dentro da história do povo de Israel, é compreendido como filho de Davi e também filho de Abraão. O que nos admira na genealogia de Jesus – lembrando que no mundo oriental a genealogia caracterizava a identidade da pessoa – é que a identidade de Jesus revelada nessa genealogia absolutamente não omite o lado obscuro das biografias, pelo contrário, sistematicamente os menciona. Por exemplo, é absolutamente anormal incluir numa genealogia o nome de mulheres. Em Mateus 1.1-17 encontramos o nome de quatro mulheres. Certamente essas mulheres devem ter alguma relevância especial para que quebrem a regra e sejam listadas ao lado de outros nomes. Contrariando todas as expectativas, não são mencionadas as grandes matriarcas da história de Israel. Antes, são mencionadas mulheres cujas histórias, no mínimo, nos parecem penosas. A genealogia cita Tamar, uma mulher a quem, depois de enviuar, é negado o direito de descendência e que, finalmente, travestida como prostituta, envolve-se com seu sogro (Gn 38.24ss). Os frutos dessa relação são dois filhos, chamados Perez e Zerá, mencionados na genealogia de Jesus. A segunda mulher mencionada é a prostituta gentilíca Raabe, que escondeu os espias de Israel por ocasião da conquista da cidade de Jericó. A terceira mulher mencionada na genealogia de Jesus é Rute, uma mulher que nem sequer pertencia ao povo de Israel. A quarta mulher que contribui para definir a identidade de Jesus é a mulher de Urias, chamada Bate-Seba. Ao seu nome é associado o que poderíamos chamar de a página mais escura da história do reino davídico. Davi ordena que o marido de Bate-Seba seja morto em uma incursão militar, a qual se sabia de antemão ser um suicídio. A morte do soldado é ordenada para que Davi pudesse ficar com a sua mulher.

É dessa forma que se concatena a bênção de Deus. É dessa forma que Deus chega ao alvo. A bênção de Deus não acontece à parte de nossos pecados, de histórias obscuras, pelo contrário, através das nossas histórias obscuras e marcadas pelo pecado, Deus faz sua história. Deus mesmo toma parte dessa história, conscientemente se envolve nela. Em meio à história, Deus está presente, agindo. Nada e ninguém é capaz de impedi-lo! Só esse fato já nos é um grande consolo se, a despeito de todos os nossos fracassos, começamos a imaginar e refletir onde e como Deus, através de nós, age para promover a bênção.

2. Jesus Cristo se torna em bênção na medida em que, através de sua morte maldita, possibilita-nos nova oportunidade de vida

O Messias, Jesus Cristo, encarna a nossa história e a nossa maldição.

Ele se coloca sob a nossa maldição. Porém, mais do que isso, ele toma a nossa maldição sobre si e, dessa forma, tira a maldição que pesava sobre nós. Na cruz de Jesus, torna-se realidade o que o apóstolo Paulo, de forma acurada, sintetiza nas palavras: *“Cristo nos redimiu da maldição da Lei quando se tornou maldição em nosso lugar”* (Gl 3.13). Cristo nos redimiu da maldição da Lei, que consiste no fato de estarmos sob o poder do pecado e, estando sob o poder do pecado, sempre de novo caímos em pecados, tendo que assumir a maldição que atos pecaminosos produzem em nós e para outros. Mas agora não somos mais malditos, nem determinados a uma vida longe de Deus. Há expiação dos nossos pecados, nossa existência é representada, há nova possibilidade de vida, há a chance para uma nova relação com Deus, que o pecado não é capaz de minar. Esse é o âmbito de perdição, mas, sobretudo de salvação, no qual nós nos encontramos. A partir desse prisma, queremos novamente nos deter nas perguntas feitas anteriormente.

VI. O ESTIGMA DA CRUZ QUE SE TORNA EM BÊNÇÃO OU: A CARACTERÍSTICA INCONFUNDÍVEL DA CRUZ – A BÊNÇÃO

1. Deus certamente chegará ao seu alvo de abençoar

Será que Deus de fato é justo? Ainda podemos falar de um Deus justo, mesmo se nosso mundo é marcado por tanta injustiça? Cristãos podem estar certos: na cruz de Jesus Cristo, Deus estabeleceu a prova de sua justiça (Rm 3.25). A cruz e a ressurreição de Jesus Cristo são a garantia de que o final de nossa vida e o final da história desse mundo não será marcado pelo caos, mas pela boa e justa ordem de Deus. Deus haverá de executar e cumprir a sua justiça. Esse é o horizonte que pode e deve permear todo o pensar, planejar, falar e fazer dos cristãos. Quando se trata de receber bênção, não é mais o ser humano que se encontra no centro, mas Deus!

2. Deus também chegará através de mim ao seu alvo de abençoar

Ao lado de experiências de tentação que abalam o mundo, outra experiência talvez nos impacte ainda mais: a constatação de que também eu sou injusto. Como posso ser abençoado se eu sou injusto, incapaz de corresponder à vontade de Deus? Como Deus poderia me usar, tornar-me útil para o seu Reino? Sempre de novo eu carrego culpa sobre mim! Cristãos podem e devem saber: Deus se coloca entre a nossa culpa e entre as nossas relações injustas. Não que Deus simplesmente ignore a nossa culpa, mas

não há como impedir Deus de se colocar como mediador. Da mesma forma como Deus usou a Abraão, Isaque, Jacó e Davi, usou a Tamar, Raabe, Rute e Bate-Seba para serem uma bênção, da mesma forma Deus deseja usar a mim e ele pode usar a cada um para alcançar seu alvo de abençoar.

3. Deus aprimora nossa capacidade de discernir: Ele concede frutos, não o sucesso

O mundo no qual vivemos é passageiro. Ele está sujeito ao poder do pecado. O deus deste mundo é Satanás, o diabo que significa “aquele que traz a confusão”. É ele quem inverte valores, que valoriza a aparência em detrimento do ser, que muda o bem em prejuízo para o bem e muda o mal em vantagem para o mal. É ele quem inverte bênção em maldição e maldição em bênção. Cristãos erguem seu olhar e, com o salmista, atentam para o fim de todas as coisas: somente no fim é revelada a essência de um projeto de vida. Atentar para o fim (decisivo) das coisas dá-nos a força e a coragem para discernir, dá-nos a força e a coragem de resistir a determinados projetos de vida, projetos que almejam a felicidade e o sucesso a qualquer preço, projetos de vida cheios de brilho e de glamour, mas sem um compromisso com Deus. Não cristãos gabam-se de seu ateísmo. Cristãos aprendem a discernir entre o último e o penúltimo, entre o aparente sucesso e o fruto eterno (1Co 3.12-15), entre uma vida aparentemente bem-sucedida e um projeto de vida que não subsiste no final.

4. Vida cristã é uma vida sob o signo da cruz

Os cristãos mantêm-se fiéis ao sentido original da palavra “bênção”. A palavra “bênção” provém da palavra latina *signare*.abençoar, em seu sentido original, significa “fazer o sinal da cruz”, “colocar-se sob o sinal da cruz”. Uma vida abençoada é possível onde a vida é colocada sob o signo da cruz.abençoar, pedir pela bênção de Deus para alguma coisa significa a mesma coisa que colocar algo à disposição de Deus, devolver algo para Deus, deixar que Deus aja e intervenha, submeter-se à sua vontade e soberania. Cristãos consideram a nova vida recebida de Deus como dádiva, não como propriedade própria (Fl 2.6), têm, como se não tivessem (1Co 7.29ss). Pelo fato de terem sido ricamente abençoados, os cristãos colocam a sua vida à disposição de Deus. Eles colocam a sua vida, integralmente, a serviço do Reino de Deus e a sua justiça e experimentam que tudo de que têm necessidade, lhes é presenteado por Deus. “... *o seu Pai sabe do que vocês precisam*” (Mt 6.8).

5. Viver sob o signo da cruz é viver no discipulado do crucificado

Jesus Cristo diz: “*Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se*

a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Mc 8.34). A vida cristã não é simplesmente uma vida onde tudo dá certo, sem conflitos, tranqüila, pois vida cristã é uma vida de seguimento ao crucificado. É uma vida de resistência ao deus deste mundo, de resistência aos poderes deste mundo. Aquele que almeja uma vida sem conflitos, feliz, onde todas as coisas dão certo, “*quem quiser salvar a sua vida, a perderá; mas quem perder a vida por minha causa e o evangelho, a salvará”* (Mc 8.35). “Salvar a vida” não é apenas uma constatação *a posteriori*, pelo contrário, já agora é possível experimentar e descobrir essa salvação.

6. Deus restaura o monte de cacos de nossa vida em um mosaico que reflete seu amor e seu poder criador

Nós temos a liberdade de trazer diante de Deus os vários pedaços de nossa vida fragmentada, os nossos cacos. E nós iremos e poderemos experimentar como Deus faz de fragmentos uma obra integral. De um monte de cacos em que se tornou a nossa vida, Deus faz um mosaico, uma biografia. Talvez não seja a biografia com a qual nós sonhamos, talvez seja uma biografia que de nós mesmos jamais produziríamos. Em todos os casos, uma coisa é certa: a biografia é uma obra-prima de Deus, é uma parte de sua nova criação, fragmentos que foram ordenados em um todo integral e que agora se torna indicativo do amor e da misericórdia de um Deus que é capaz de criar tudo novo.

É assim que acontece bênção sob o signo da cruz – face aos ataques e ao poder do *diábolos*, face aos próprios abismos e quedas. Bênção sob o signo da cruz não é (mais) uma vida onde tudo deu certo, não é a realização de todos os meus planos e desejos, não é alcançar os meus objetivos, não é a biografia imaculada que corresponde a todas as expectativas. Bênção sob o signo da cruz é muito mais um “monte de cacos” que Deus novamente ajunta e reordena, uma vida que ele transforma em algo novo, lindo. Essa é a vida que Ele usa, com todos as suas imperfeições, para a edificação de seu Reino. Bênção sob o signo da cruz acontece lá onde nós trazemos a Deus todos os cacos de nossa vida, onde nos confiamos a Deus, na certeza de que Ele é capaz de fazer do monturo de nossa vida algo completamente novo.

Viver sob o signo da cruz significa aprender a viver com os limites da vida de forma consolada, não porque tudo deveria ser perfeito, mas porque podemos saber que Deus pode fazer – e de fato o faz – dos cacos da vida algo integral e bom, quando nós lhe confiamos a nossa vida.

7. Somente aquele que foi abençoado, pode ser bênção para outros

“Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva” (Jo 7.38). O que se espera de nós não é uma vida cheia

de êxito, não são grandes dons e talentos, não são biografias intactas, não é uma força inesgotável nem a disposição ao sacrifício. O que se espera de nós – e este é o segredo para uma vida abençoada – é que permitamos Deus agir em nós, até nos mínimos detalhes. Quem abre espaço em sua vida para Deus agir, quem permite que Deus trabalhe todas as instâncias da sua vida, esse se torna – por assim dizer – por si só uma bênção para outros. Isso se dá pelo fato de que então, através de nós, outras pessoas se encontrem com o próprio Deus, pois a nossa biografia, nosso dia-a-dia se tornou um espaço para dentro do qual o Deus vivo atuou e sempre de novo atuará, renovando.